

Cadernos Teologia Pública



Juventudes e vivência ecumênica

Rosemary Fernandes da Costa

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XVII • número 146 • volume 17 • 2020

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



 UNISINOS

Juventudes e vivência ecumênica

Resumo

Nesta reflexão nos propomos a revisitar o conceito de ecumenismo a partir da vivência das juventudes que integram a espiritualidade e a vida, a fé e a política e se encontram em muitos movimentos, coletivos, grupos que se reúnem nas comunidades locais no Brasil. Reconhecemos no caminho das juventudes princípios que movimentam o ecumenismo a partir de referências fundantes: a própria identidade, a compreensão de comunidade, a consciência ética de responsabilidade solidária, a integração com o chão comum e a mística que integra todos esses princípios. Em sua forma de experimentar o ecumenismo, as juventudes profetizam o lugar de uma mística integradora das diversas experiências religiosas, presentes nas grandes tradições e em novas expressões. Nos convocam a atitudes de ecumenicidade, ao diálogo, ao respeito, mas especialmente à contemplação e à reverência. Ao mesmo tempo em que convocam, nos conduzem, mistagógicamente, ao resgate de uma referência fontal nas muitas tradições religiosas, que é a presença do Espírito que sopra e orienta a vida para todas e todos.

Palavras-Chave: ecumenismo, ecumenicidade, juventudes, diálogo inter-religioso.

Juventudes e vivência ecumênica

Profa. Dra. Rosemary Fernandes da Costa

Doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio e Assessora Nacional do
Movimento de Juventudes e Espiritualidade Libertadora - MEL

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Diretor Adjunto: *Lucas Henrique da Luz*

Gerente administrativo: *Nestor Pilz*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XVII – Vol. 17 – Nº 146 – 2020

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Eclética de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, ESTRS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Ricardo Machado e Guilherme Tenher Rodrigues

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004. – v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

Juventudes e vivência ecumênica

Rosemary Fernandes da Costa

Doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio e Assessora Nacional do
Movimento de Juventudes e Espiritualidade Libertadora - MEL

Introdução

“Coração
meu tambor do peito,
meu amigo cordial”

Não é de hoje que o tema do diálogo entre as muitas expressões religiosas é pauta de reflexões, debates, painéis, palestras, livros, teses. Ele nos circula e nos convoca a cirandar em um processo de construção e desconstrução de alguns conceitos e crenças que nos enraizaram em um mundo de pertencças religiosas definidas e, muitas vezes, dogmatizadas.

Nesse sentido aqui estamos para um convite que nos chega pelas vozes das juventudes através de muitas vivências em que a construção e a desconstrução passam às práticas, às vidas, às narrativas e nos convocam a um olhar vivencial que contempla e reverencia a diversidade.

Nossa reflexão tem por base as estruturas observadas especialmente nos movimentos de juventudes que articulam a fé e a política, a espiritualidade e a ética, a abertura para o transcendente e o enraizamento histórico. Apesar de talvez não possuírem visibilidade nas redes sociais editoradas pelas mídias corporativas, os movimentos juvenis crescem, se articulam, emergem, se agregam, por todo o solo latino-americano.

Podemos citar alguns para nossas referências: Pastoral da Juventude, Pastoral Juvenil Latino-Americana, Juventude Franciscana, Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, Cajueiro: Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude, Levante Popular da Juventude, Rede Eclesiástica de Juventude, Mística e Revolução, Pastoral Luterana Popular, Pastoral de Juventude Estudantil, Pastoral de Juventude do Meio Popular, Movimento de Atingidos por Barragens, Cáritas, Movimento Nacional Fé e Política, Judeus Progressistas, Rede Nacional de Adolescente de Jovens Comunicadores e Comu-

nicadoras, Conselho Nacional da Juventude Evangélica, Koinonia Presença Eclesiástica e Serviço, Asociación de Juventudes Agostino, Rede Conesul de Centros Laicos.

Acompanho os movimentos de Juventudes desde os anos 90, mas, a partir de 2014, essa aproximação se tornou mais intensa e com mais complexidade em termos de diversidade religiosa e de territórios espalhados pelo Brasil na construção e assessoria dos Encontros Nacionais de Juventudes e Espiritualidade Libertadora - EN-JEL: uma atividade autogestionada que envolve diversas juventudes e diversas experiências de fé. Ao longo deste processo tem sido possível participar e testemunhar momentos de organização, de mística, de gestão, de avaliação, de trocas intensas e revisões, de busca de metas, de identificação dos limites e novas estratégias comunitárias.

É a partir do acompanhamento com alguns destes movimentos, comunidades e coletivos, que apresentamos um convite que brota de seu agir ecumênico, de um ecumenismo que identificamos como vivência, como construção comunitária processual e muito dinâmica.

O primeiro convite consiste em olharmos para o que entendemos por ecumenismo. É interessante fazer memória de um caminho de discernimento nas teologias das religiões, especialmente nas religiões cristãs, ao

se compreenderem num campo de fraternidade, como irmãs na fé e, por isso mesmo, caminhando de mãos dadas. Essa compreensão se desdobrou na necessidade de atitudes que a concretizem, como o diálogo, a abertura às diferenças, a cooperação, a busca de metas afins, o respeito à originalidade, a atenção e denúncia de atitudes não dialógicas ou intolerantes.

Olhemos para esse retrovisor e vamos encontrar registros de que o conceito no grego *oikoumene* surge pela primeira vez, no século V, em Heródoto. Naquele momento, a intenção não estava vinculada à religiosidade, e sim à dimensão administrativa da terra. *Oikoumene* significando ‘terra habitada’, ou ‘habitantes da terra’, e logo a cultura greco-romana observando a necessidade de uma organização entre os habitantes. O termo ganha então um caráter político, no sentido mais estrito do termo, um caráter de organização, de gestão, de um cuidado comum e unificador.

Nos primeiros séculos da história do cristianismo, essa compreensão não é ainda muito diferente, pois diante de um contexto com muitas divergências doutrinárias e interpretações difusas, ela é usada como expressão de comunhão na mesma fé cristã. Os primeiros concílios ecumênicos são a busca de unidade na consolidação da

doutrina cristã. Nessa intenção se realizou o concílio de Niceia, em 325 e, mais adiante, o concílio em Constantinopla, em 381, no qual foi redigido um Credo completo, adicionando ao Símbolo dos Apóstolos as definições teológicas do Concílio de Niceia.

Mas é a partir do século XVI, com rupturas entre os cristãos, que o termo ganha um novo sentido e, de alguma forma, permanece até hoje: um sentido ético, de respeito à diferença e esforço de restabelecer a unidade rompida, e manutenção da atitude dialógica. Ainda mais adiante, é dentro da própria história do cristianismo que o termo é ampliado e se torna um ‘movimento’, no sentido de mais do que estabelecer fundamentos teológicos para o ecumenismo, propor práticas que corroborem para um ecumenismo verdadeiro, cotidiano, experimentado nas comunidades e nas igrejas separadas por suas interpretações e formas de viver a doutrina cristã.

A ideia de movimento ecumênico ganhou mais e mais dimensões, e uma delas foi a compreensão de que Deus é sempre maior do que as expressões culturais e religiosas que ousaram e ousam dar nomes ao sagrado e desenvolver teologias e ritualidades.

Deus sempre é maior. Há apenas um só Deus, de todos os nomes, e mais além e mais aquém de todos eles, Pai e

Mãe de todos nós, vivido na diversidade das expressões religiosas das diferentes culturas e encontrado na natureza, no próprio coração e nos processos da histórica. Este Deus é o nosso Deus. Nossa fé ficou mais clara e queremos proclamar, agradecidos, esta descoberta. (Manifesto da Assembleia do Povo de Deus, Equador, 1992).

Esse é o dinamismo em que o conceito de ecumenismo foi sendo ampliado para além das profissões religiosas cristãs, e alargando sua compreensão para o que foi chamado de macroecumenismo. O macroecumenismo abraça, portanto, uma compreensão ainda mais ampla do conceito inicial, pois ele propõe uma grande ciranda, capaz de abraçar a totalidade dos povos de Deus, se despojando de preconceitos e reconhecendo a originalidade de cada expressão já existente, e ainda todas as possibilidades que podem vir, já que estamos diante de uma compreensão de que Deus é presente, atuante, movimento e assim, também, os povos em suas mais diversas linguagens e expressões.

Contudo, neste artigo, estamos apenas fazendo uma memória breve, pois encontramos trabalhos exemplares sobre esse tema, vasta bibliografia de especialistas que se dedicaram ao ecumenismo, à sua fundamentação e consequências práticas nas muitas comunidades espa-

lhadas pelo mundo. Nossa intenção é apenas nos situarmos a fim de olharmos para a experiência de muitos grupos, coletivos, comunidades juvenis no momento atual. Ao final deste artigo, nas referências bibliográficas, traremos algumas sugestões para aqueles que desejarem se aprofundar.

Retomamos mais uma vez o termo – oikoumene – que nos inspirará ao longo desta reflexão, com a relevante pesquisa de Bosch Navarro.

O termo grego oikoumene pertence a uma família de palavras do grego clássico, relacionadas com termos referentes à morada, ao assentamento, à permanência. Eis alguns termos-raiz dessa família linguística:

oikos – casa, vivenda, aposento, povo;

oikeiotês – relação, aparentado, amizade;

oikeiow – habitar, coabitar, reconciliar-se, estar familiarizado;

oikonomeô – administração, encargo, responsabilidade da casa;

oikoumene – terra habitada, mundo conhecido e civilizado, universo.

(BOSCH NAVARRO, 1995, pp. 9-10).

Introduzimos, portanto, um percurso reflexivo a partir da voz das juventudes. Apresentaremos cinco princípios que atuam na construção e vivência do ecumenismo com base em nossas reflexões, estudos e acompanhamento.

O face a face: o que temos em comum?

“o rio que corre em mim
vem dessa nascente
seu leito natural”

O primeiro princípio nos conduz a uma pergunta fundamental que enraíza uma atitude ecumênica entre as juventudes: o que temos em comum?

Para tanto é preciso olhar, conhecer, aproximar, criar intersecções, reconhecer pontos em comum e pontos específicos. E como se faz isso? Nas rodas, nos diálogos, nas narrativas.

O olhar pessoal é convidado a perceber e sentir as afinidades, os pontos em comum, e não fincar estacas

nas originalidades, mas, ao encontrá-las, reconhecê-las como identidades legítimas e distintas. As formas de ver e experimentar o sagrado recebem nomes, cores, línguas, modos de viver e até compreensões diversas. Sim. Mas, a pergunta retorna: quem somos nós? E estes se percebem como jovens que possuem essa busca em comum e também raízes que se tocam no mais profundo da terra, e no mais alto de seus sonhos.

As fisionomias possuem muito em comum ao expressarem suas alegrias e dores, realizações e indignações. Desse olhar para o que é comum no coletivo brota o ecumenismo como uma vivência em um solo fecundo da mesma humanidade.

Estamos diante não apenas de uma atitude ética, mas de um eixo orientador nas dinâmicas de encontros e planejamentos das juventudes em nosso tempo. São juventudes demarcadas pela subjetividade relacional, e em processo de superação da concepção de individualidade. Perceber-se como sujeito em relação é se perceber como dinamismo pessoal, fruto das muitas estruturas dialógicas de sua vida, desde os ancestrais, passando pelas relações familiares, sociais, econômicas, espirituais e avançando para as consequências dessas relações no futuro. Perceber-se como sujeito intersubjetivo é integrar passado, pre-

sente e futuro. Kumar (1997, p.141) elucida que se trata da concepção de pessoa como um texto aberto, plural, capaz de muitas vozes, novos acordos, novos significados.

A estrutura intersubjetiva considera as identidades em sua originalidade, em diálogo aberto, escuta ativa, acolhedora e também interpelante. As narrativas pessoais são consideradas parte da construção dos projetos, as estratégias e decisões são processuais, flexíveis, abertas a avaliação e revisões constantes.

Observamos, portanto, que ao trazerem a dialogia como eixo presente e constante, a perspectiva ecumênica deixa de se situar no lugar do desejo, e se torna a grande presença provocativa nos pequenos e grandes encontros de juventudes. Trata-se aqui de uma revisão também da compreensão de identidade religiosa e de pertença religiosa. A identidade possui seu lugar de raiz e pertença e, ao mesmo tempo, se percebe relacional. Ao aprofundar as raízes, encontra outras raízes em um cruzamento no mesmo solo. Ao abrir sua copa, encontra novos galhos e possibilidades de ascense, de superações, de horizontes de desejos e realizações em comum.

Neste novo campo relacional, há uma postura de proximidade, e não de isolamento ou de defesa de um certo campo de verdades. É claro que não podemos es-

quecer de que essa mudança de paradigma ainda está sendo gestada. Portanto, os contextos locais e estruturais ainda estão profundamente demarcados pelo paradigma racional, que tem no individualismo uma prática cotidiana e estruturante, com defesas de espaços de colonialidade e de conceitos privativos das liberdades culturais e relacionais, que dirá dos campos religiosos. As juventudes experimentam também esses contextos locais e pessoais, com suas próprias limitações e condicionamentos. É prática e desafio, é vivência que interpela e provoca, é convocação e caminho.

Dizíamos acima que o ecumenismo passa a ser vivencial, e com isso, podemos constatar algumas estratégias para que essa prática seja real: construir processos que favoreçam a aproximação. E, neste caminho, introduzir trocas de significados, de representações, de linguagens, de identidades e pertencas, de visões de mundo.

Ainda dentro da pergunta que postulamos no início desta seção – o que temos em comum? –, nos encontramos com o resgate de um centramento que está presente no cristianismo, no islamismo, no judaísmo, nas tradições orientais, nas tradições indígenas, nas tradições africanas. Enfim, o centramento na dinâmica amorosa. É ela quem convoca do mais profundo de si mesmo, ao

olhar que encontra o mais profundo em cada ser e, com isso, a dialogia passa a simplesmente ser.

Talvez o que esteja na origem do distanciamento seja a ideia de que conhecer é saber cognitivo, intelectual e, aqui, neste ponto, as juventudes nos convidam ao resgate de uma fonte vital: a experiência do amor.

Ser comum+unidade

“o amor que existe em mim
vem desse caminho de vida
que ele me traçou”

Aqui podemos trazer uma segunda questão que se torna eixo referencial para pensarmos na experiência ecumênica nas juventudes que vivenciam a espiritualidade em campos religiosos diversos: a perspectiva do encontro como enriquecedora.

Parece que estamos falando do mesmo aspecto, mas ele é um desdobramento do princípio anterior. Ao se perceberem afins, ao se olharem em comum+união, ao identificarem projetos de intersecção de credos, gêneros, horizontes éticos e utopias, as juventudes investem nas

estruturas dialógicas como seu principal espaço de construção e desconstrução, como principal espaço de planejamento, revisões e avaliações constantes.

Vale alertar que a perspectiva do encontro não é uma metodologia apenas, não se reduz a uma estratégia pedagógica. Ela é um dos princípios ativos no qual se enraíza e é dinamizada a perspectiva ecumênica.

Michael Amaladoss (2006, p. 189) afirma que “o único jeito de se viver em conjunto num mundo pluralista é aprender a viver juntos como comunidade”. As juventudes estão se dando conta de que há um projeto em comum, de que há um mesmo sonho, e por isso mesmo só há um caminho, que é ser comum-unidade.

Voltamos a afirmar que não se trata de uma compreensão que exclui a diferença, a originalidade, o lugar próprio de cada expressão religiosa, mas, ao contrário, é esse lugar próprio que é confirmado e que também encontra a parceria, a intersecção, a ressonância no que é próprio de outra expressão religiosa, diferente da sua. É como uma orquestra, em que cada instrumento possui seu lugar, e esse é fundamental, mas se afinam na mesma nota, e a partir de sua especificidade reverberam a mesma melodia.

Michael Amaladoss apresenta o pluralismo como um dado de nosso tempo: pluralismo político, cultural, ideológico e religioso. Contudo, grupos fundamentalistas e intolerantes não apenas negam esse dado, como ainda resistem com instrumentos de dominação e construção de pensamentos hegemônicos. O autor aponta ainda que há outra forma de conviver com o pluralismo sem assumi-lo como caminho dialógico verdadeiro, que é limitar o pluralismo à esfera do privado. Explicando melhor: o pluralismo fica limitado à esfera individual e aos direitos individuais e, com isso, as diferenças devem ser toleradas, mas não assumidas comunitária ou socialmente. Nessa segunda ótica ainda não há um senso de comunidade, e sim da defesa do individual. Portanto, o preço da defesa se torna individual, particular, sem responsabilidades coletivas e, muito menos, do Estado. (AMALADOSS, 2006, pp. 187-188).

O caminho das juventudes está sendo justamente o de construir vínculos sólidos, comunitários, redes de apoio, escuta, sororidade, fraternidade. Em suas múltiplas identidades se reconhecem e trabalham em rede. Diferenças não apenas são aceitas e reverenciadas, mas conduzem às trocas fecundas, construindo, com isso, novos significados.

Uma rede de solidariedade e ética

“coração me ensina a coragem de viver
me joga no mar de amar
nessa água boa eu irei navegar”

Essa construção de vínculos comunitários nos conduz a um terceiro princípio também presente e mobilizador de um ecumenismo vivencial, que é uma ética de responsabilidade solidária. Se estamos juntos, se somos rede de apoio e complementaridade, também somos responsáveis uns pelos outros. Aceitar as diferenças e reverenciá-las é também firmar identidades e assumir juntos o que é de cada um, pois nada está isolado, numa busca ou defesa solitária. É, mais uma vez, nosso querido Amaladoss (2006, p. 192) quem nos inspira afirmando que “sentir-se em comunidade é experimentar um sentido de pertença e um sentido de responsabilidade mútua”. Os sonhos, os ideais, as utopias, os conflitos, as superações, as lutas pedem colaboração mútua.

O filósofo Habermas é um dos pensadores que analisou a capacidade de reflexividade e de intersubjetividade nos tempos atuais. Ele pondera que é na interação comunicativa que os argumentos ganham validade,

ou seja, as interpretações se dão nessa circularidade, no agir dialógico constante. Mas aqui há um dado muito importante que também podemos constatar nas redes dialógicas das juventudes: há uma escuta profunda das narrativas particulares, mas também há uma construção de significados compartilhados. Essa nova construção se dá através das trocas de linguagem, mas também das práticas compartilhadas. Ou seja, há uma dinâmica entre a linguagem e as práticas, uma informando à outra. A intersubjetividade se dá na circularidade hermenêutica, mas também no agir intersubjetivo, e é através desse agir que as representações ganham novos significados. (HABERMAS, 1987, pp. 189-190).

O que podemos perceber a partir desses princípios ativos e mobilizadores é que há uma compreensão de que são múltiplas identidades, mas interdependentes. Possuem o mesmo chão, o mesmo solo de trabalho e compartilham dos mesmos sonhos. É uma compreensão de comunidade de comunidades, de comunhão na diversidade.

O ecumenismo como vivência reconhece a igualdade de pertenças e direitos de forma respeitosa, mas também de forma substancial, reunindo todos os esforços para assegurar que cada experiência religiosa seja livre na

sua expressão, mas também nos níveis sociais e econômicos. Na linguagem da filósofa Adela Cortina (2008, pp. 148-150), seria a integração entre os mínimos de justiça e os máximos de felicidade. Nessas vivências se torna incompreensível separar religião e vida, pois não há fronteiras, são as mesmas pessoas, as mesmas vidas, a mesma história. Se isolarmos essas duas dimensões igualmente legítimas, contribuímos para um ecumenismo teórico, mas não vivencial.

É claro que, com esta percepção, as juventudes interpelam as estruturas sociais, econômicas, religiosas, eclesiais, quanto a tantas fronteiras que foram construídas, algumas com finalidades organizacionais, mas que, hoje, precisam ser repensadas, reavaliadas, para que se verifique se não estão reproduzindo mecanismos de divisões e rupturas, mesmo falando na necessidade do diálogo e do respeito. Enfim, a conversão das estruturas a um ecumenismo vivencial também se torna pauta nos movimentos juvenis.

Um ethos comum, uma casa comum

“Por me saber de cor
me leva no tempo
para o mundo conhecer
território da paixão”

Nessa mesma direção, observamos mais um princípio presente no ecumenismo vivencial das juventudes, que consiste na compreensão de unidade pessoa-comunidade-natureza e, por isso mesmo, a conexão e o cuidado com a mãe terra, com a casa comum, como alerta o Papa Francisco. A dimensão relacional é parte da perspectiva ecumênica e, portanto, não existe nada fora dessa relação e da responsabilidade que provém dessa consciência de comunhão.

Trata-se da comunhão e da solidariedade com a terra, com o solo, com as vozes que ecoam do chão, dos corpos, das vidas. Trata-se de empatia e corresponsabilidade ética local e global.

Essa é uma dimensão ainda em processo nos movimentos ecumênicos, muito centrados no diálogo nos espaços institucionais e, por conseguinte, mais antropológico. Mas a conexão das juventudes chega ao profundo

de cada ser, e ali encontra a interconexão e a interdependência. É um princípio que tem por base a consciência da primazia da vida, de um ethos comum, do qual todos participamos, seres humanos e todos os seres, uma consciência da grande morada humana.

Sendo assim, as pautas e estratégias integram o cuidado com o ambiente com todas as demais dimensões: social, econômica, política, cultural, afetiva – é a mística da terra. Esta é uma experiência concreta dos povos da terra, indígenas e quilombolas, que foi, em muitas culturas, perdida em função das práticas desenvolvimentistas e distantes do respeito ao ambiente natural.

Assim como, na configuração da identidade pessoal, os jovens se dão conta das múltiplas vozes e histórias que os habitam, de sua família, de seu povo, de sua terra, assim também, se dão conta de que a relação com a terra é parte integrante de seu ser, de sua identidade e, portanto, também de suas metas de justiça, fraternidade e dignidade.

Se olharmos o termo – oikoumene – uma vez mais, nos encontraremos com o cuidado da casa comum, enfim, com a matriz referencial para o ecumenismo. É uma convocação para a cidadania mundial, para a grande morada humana e de todas as criaturas, a casa de todos,

a casa comum. A morada de todas as criaturas é o planeta Terra, feito *ethos*-Casa Comum.

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. (LS 13).

O princípio mistagógico

“e eu sou um aprendiz
que segue seu mestre
aonde ele for”

Para concluir, não poderíamos deixar de identificar a mística que atravessa e integra todos esses princípios e fazeres em comum+unidade. Eu a identifico como mistagogia, um referencial muito querido em minha prática e em minhas pesquisas.

Estamos em um campo em que a diversidade e a pluralidade religiosa se faz presente, mas também as noções de inspiração, de revelação, de caminho, de trajetória, de iluminação, presentes em muitas tradições. São noções que nos levam a um mesmo eixo, o eixo da sintonia com o “Espírito”.

Nessa sintonia, o “Espírito” divino conduz para o discernimento e para a relação. Ele conduz para o coração do ser, onde reside a busca pelo sentido da Vida, onde tudo está interligado, porque tudo é relação. Dessa forma, as trajetórias religiosas se unem na compreensão da voz interior, uma voz que convoca do mais profundo de cada ser humano, a uma resposta livre e pessoal ao Amor criador. A experiência pessoal é a experiência de ser habitado pelo sagrado (ou, para as tradições orientais, de ser o próprio sagrado; ou ainda, para os povos indígenas, de estar presente em toda a natureza): um sagrado que orienta o pensar, o agir; um sagrado que é fonte de vida e que não se impõe, mas convida, propõe, aguarda o tempo necessário, é amoroso e livre. Chamamos toda essa experiência de mistagogia.

Portanto, estamos diante de um princípio que integra todos os demais, como aquele que sintoniza a orquestra, que vem de dentro de cada identidade e também

de fora, que alinhava todas elas e vai além delas. Pedro Casaldáliga nos fala de “(...)um ecumenismo de adição e não de subtração”. Essa mística é o locus mais profundo presente nas juventudes que experimentam dessa forma o ecumenismo, é a mística que os conduz, e a partir dela se fecundam atitudes, narrativas, avaliações, revisões, trocas, ações concretas. É experiência mística vivida na experiência humana de quem acolhe e se deixa mover pela dinâmica relacional por meio de atitudes de comunhão, de escuta, de criatividade, de diálogo.

Uma nova forma de viver o ecumenismo: a ecumenicidade

“meu tambor do peito
meu amigo cordial
fez de mim um amador”

Enfim, apontamos através dessa reflexão uma forma própria de viver o ecumenismo. E vejo, depois de tantos anos de estudos na teologia e de presença junto às juventudes que, mais uma vez, o Espírito que sopra onde quer, nos remete ao mais profundo de cada um de

nós, a algo que já sabíamos, que já sabemos e, que, por algumas razões, nos distanciamos e deixamos que estruturas de fechamento desse sopro ocupassem seu lugar em nossos pensares e fazeres. Mas, em sua liberdade, ele não se deixa represar por essas estruturas, porque é livre e amoroso e, assim, encontra as brechas que só o amor consegue perscrutar e alcançar.

Essa vivência é reconhecida pelas juventudes por um termo semelhante, mas que carrega uma novidade, que aqui buscamos apresentar: a ecumenicidade. A ecumenicidade é o estado do que é ecumênico, é a vivência, é a integração entre o pensar e o agir, é a mística que inspira, aquece e movimenta. Ela pode estar nos espaços institucionais, ela pode estar nos espaços não institucionais, porque é livre para voar.

É também uma compreensão que vem modificando o campo religioso brasileiro, constata Bianca Ortega (2019, p. 131).

A vida religiosa e os sentimentos de pertencimento dos jovens, só podem ser compreendidos se levarmos em conta as características contemporâneas desta sociedade com suas inter-relações entre redes e territórios, isto é, olhando para todas as relações desses jovens em seus espaços e convivências.

Considerações finais

Deixamos aqui essa pequena e significativa reflexão, esperando que de alguma forma colabore a repensarmos a compreensão e a prática do ecumenismo a partir da experiência das juventudes, sempre nos interpelando e nos convocando a retomarmos as fontes mais puras e profundas dos caminhos do diálogo.

Elas nos convidam a uma nova dinâmica relacional. É um caminho talvez não tão simples diante da complexidade das estruturas que nos envolvem, mas, com certeza, um caminho gratificante porque fundante, amoroso, e abraçado pela graça divina que tudo permeia e orienta.

Raimon Panikkar, um dos mestres do ecumenismo, usou a expressão ecumenismo ecumênico. Faustino Teixeira, um grande pesquisador e místico nesse diálogo, nos convida a pensar em desafio dialogal. O Manifesto da Assembleia do Povo de Deus nos fala do ecumenismo como uma descoberta na qual começamos a despojar-nos de nossos preconceitos e abraçamos com muitos braços e muitos corações o Deus Único e Maior. A Campanha da Fraternidade de 2021 será uma campanha ecumênica e traz como tema: “fraternidade e diálogo, compromisso

de amor”, ilustrado numa ciranda, na qual há simetria, todos estão juntos e formam uma unidade, trabalhando na mesma sintonia e ritmo, para não perder o compasso.

A experiência de acolhida do sagrado é também uma experiência de humildade, de contingência e, quando nos percebemos em uma busca em comum, o que é o Mistério que nos reúne, nos convoca a cirandarmos em uma mística que principie nessa atitude de contemplação e reverência que conduz às demais atitudes que nossas juventudes nos convidam a vivenciar.

REFERÊNCIAS

- AMALADOSS, Michael. Promover Harmonia. Vivendo em um mundo pluralista. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- CORTINA, Adela. Aliança e Contrato. Política, ética e religião. São Paulo: Loyola, 2008.
- HABERMAS, Jurgen. Teoría de la acción comunicativa I. Racionalidad de la acción e racionalización social. Madrid: Taurus, 1987.
- KUMAR, K. Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- NASCIMENTO, Milton e BRANT, Fernando. Meu mestre coração. Composição, 1990.
- NAVARRO, Bosch. Para compreender o Ecumenismo. São Paulo: Loyola, 1995. Citado em TEIXEIRA, Faustino e MOTA DIAS, Zwinglio. Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso. A arte do possível. Aparecida: Santuário, 2008.
- ORTEGA, Bianca. Ecumenicidade do Bem Viver. In: COSTA, Rosemary Fernandes e SANTOS, Felipe Rocha. A mística do Bem Viver. Belo Horizonte: Senso, 2019.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va>. Acesso em: 28 abr. 2019.
- TEIXEIRA, Faustino e MOTA DIAS, Zwinglio. Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso. A arte do possível. Aparecida: Santuário, 2008.
- TEIXEIRA, Faustino. Cristianismo e Diálogo Inter-religioso. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- VIGIL, José Maria e CASALDÁLIGA, Pedro. Agenda Latino-americana 2003. Panamá, 2003.

Outras sugestões para aprofundar o tema

- BARROS, Marcelo. Teologias da Libertação para os nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2019.
- COSTA, Rosemary Fernandes e SANTOS, Felipe Rocha. A mística do Bem Viver. Belo Horizonte: Senso, 2019.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro e De Mori. Geraldo. Deus na Sociedade Plural. Fé, símbolos e narrativas. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Soter/Paulinas, 2013.
- QUEIRUGA, Andres Torres. O diálogo das Religiões. São Paulo: Paulus, 1997.

RIBEIRO, Claudio e CUNHA, Magali. O Rosto Ecumênico de Deus. Reflexões sobre ecumenismo e paz. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

VIGIL, José Maria. Teologia do Pluralismo Religioso. Para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.



Rosemary Fernandes da Costa é doutora em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio, especialista no tema da MISTAGOGIA, assessora da CRB e CNBB e de comunidades educativas e pastorais, professora da Cultura Religiosa na PUC-Rio. Organizadora do livro *A Mística do Bem Viver* (2019), editado pela Senso, BH; e autora dos livros *Mistagogia hoje* (2014) e *A Mistagogia em Cirilo de Jerusalém* (2015), pela Paulus, SP. Assessora Nacional do Movimento de Juventudes e Espiritualidade Libertadora (MEL).

Cadernos Teologia Pública

- | | | | |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| N. 1 | Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ | N. 10 | O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ |
| N. 2 | Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer | N. 11 | A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ |
| N. 3 | A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher | N. 12 | Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ |
| N. 4 | No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM | N. 13 | Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior |
| N. 5 | Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes | N. 14 | Teologia e Bioética – Santiago Roldán García |
| N. 6 | Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta | N. 15 | Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor |
| N. 7 | Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ | N. 16 | Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ |
| N. 8 | Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho | N. 17 | Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves |
| N. 9 | Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner | N. 18 | Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess |

N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch

N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch

N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel

N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould

N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles

N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM

N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos

N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald

N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel

N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana María Formoso

N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier

N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior

N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng

N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson

N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Victor Hugo Mendes

N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin

N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio

N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan

N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess

N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro

N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi

N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi

N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno

N. 44 A origem da vida – Hans Küng

N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani

N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé

N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin

N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels

N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel

N. 50 “Íte, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ

N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson

N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards

N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora

N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo

N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat

N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo

N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson

N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald

N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger

N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva

N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel

N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto

N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé

N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi

N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt

N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava

N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel

N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislano Nóbrega de Lima

N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto

N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda

N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier

N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro

N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight

N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan

N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil

N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald

N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne

N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares

N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin

N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina

N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna

N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Elcio Verçosa Filho

N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado

N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo

N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan

N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin

N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko

N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher

N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O'Malley

N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki

N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko

N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo

N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O'Malley

N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli

N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral

N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle

N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier

N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori

N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad

N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff

N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira

N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares

N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald

N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira

N. 106 Ecclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma

forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins

N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto

N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann

N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber

N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri

N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo

N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald

N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch

N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco

N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz

N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium digitalis*? Moisés Sbardelotto

N. 117 *Laudato Si’* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange

N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi

N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow

N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong

N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio

N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson

N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney

N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano

N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson

N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara

N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior

N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes

N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi

N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “*Familiaris Consortio*” de Wojtyła e “*Amoris Laetitia*” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges

N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli

N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.

N. 136 *Amoris Laetitia*: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* – Paulo Suess

N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo

N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh

N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo

N. 141 *Franciscus non cantat*: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida

N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line –

Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira

N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão *Intellige Ut Credis* – Orlando Polidoro Junior

N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa

N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro

